

pequena morte (re)nasce em ANTOLOGIA*

Ángela Sarmento
Universidade do Porto

[Recensão a *pequena morte*.
POEMAS. ANTOLOGIA COMEMORATIVA
DE DOIS ANOS, RIO DE JANEIRO,
OFICINA RAQUEL, 2008]

A revistas como *Relâmpago* e *Inimigo Rumor*, ou a *Terceira Margem* (Centro de Estudos Brasileiros – Adolfo Casais Monteiro), que asseguravam a qualidade de publicações literárias em intercâmbio entre o Brasil e Portugal, associa-se, há mais de dois anos, a *pequena morte*, em suporte digital (www.pequenamorte.com). Como celebração do seu segundo aniversário, em Outubro de 2008, foi lançada, no Rio de Janeiro, uma edição impressa desta revista electrónica, a mesma que no dia 28 de Abril de 2009 foi apresentada na *fnac* de Santa Catarina, no Porto.

A publicação da primeira edição da *pequena morte* ocorreu em Maio de 2006, por iniciativa de Raquel Menezes e Hugo Langone, no âmbito do curso de licenciatura em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi da sua experiência de “amantes e amadores da literatura” que surgiu a revista, sob o mote tão subtil que tomaram a Eduardo Galeano:

Pequena morte, chamam na França à culminação do abraço, que ao quebrar-nos faz por juntar-nos, e perdendo-nos faz por nos encontrar e acabando connosco nos principia. Pequena morte, dizem; mas grande, muito grande haverá de ser, se ao nos matar nos nasce.

Com uma periodicidade bimensal, propuseram-se reunir *corpus* “de ideias, de áreas, de pensamentos”, e a revista foi crescendo. À edição #3, acrescentaram uma secção dedicada à fotografia ou às artes plásticas, a que deram a designação de “galeria”; na edição #5, criaram as rubricas “entrevistas” e “colunas” (nesta entrada, iniciaram colaboração regular Luis Maffei, autor de finas recensões, assinando com um certo “14”, e Ricardo Pinto de Souza, que escreve num fluxo de *intensa* consciência, sobre o presente e o futuro, e não só sobre o *ano passado*, mas num espaço intitulado, sintomática e *topologicamente*, “Marienbad”); e na edição #6 (Maio de 2007), aquando do primeiro aniversário da revista, introduzi-

>>

ram o "editorial". Actualmente na edição #17, a somar a estas, a revista conta ainda com as rubricas fixadas desde o início: "ensaio", "poemas etc" e "traduções". Quanto aos colaboradores, incluindo os colunistas já citados, são, na sua maioria, *participantes* do meio universitário ou académico, professores e estudantes de várias disciplinas, sem que se lhes possa imputar qualquer tipo de *fossilização*, pois o exemplar dinamismo dos dois coordenadores contagia e reflecte-se nas suas opções.

A literatura é, sem dúvida, o campo privilegiado pela *pequena morte*, que, todavia, assume a *movência* das fronteiras entre as várias áreas. A par de poesia e de ficção, temos também textos literários lidos pelo prisma da imagologia, da antropologia ou da sociologia, ou textos de carácter aparentemente monográfico, mas de considerações importadas por várias disciplinas. Alguns ensaios tematizam questões do âmbito mais tradicional da crítica textual e genética, ou reflectem sobre o livro, a leitura e o leitor, ou resgatam literaturas "menores" e questionam géneros em mutação. No limite, esta expansão genológica pode resultar na fusão *perversa* de linguagens e de códigos artísticos. É na secção "galeria" que se evidenciam mais *livremente* os diálogos da literatura com as artes plásticas ou com a fotografia, muitas vezes acompanhadas de reflexão verbal, sejam as imagens de efeito mais realista, e que nos dão a ver certas cidades ou localidades facilmente referenciadas, sejam outras mais próximas do fragmento, do desenho e dos trabalhos gráficos ou da ilustração/animação, ou ainda comungando das duas tendências. Por vezes, certas fotografias ajudam a ler certos textos (e vice-versa), de outras vezes, trata-se a questão da imagem e a relação da literatura com a imagem ou, então, estabelecem-se trans-fusões entre a literatura e o cinema e entre a literatura e a música. A dança, a música, clássica e popular, e o futebol são ainda contemplados em ensaios e entrevistas.

Esta diversidade de áreas e de registos, para além de possibilitar um conhecimento transdisciplinar, deixa-nos ainda aproximar, por diferentes ângulos, *daqueles que assinam* os trabalhos apresentados, personalidades artísticas multifacetadas que, ao dizerem do(s) outro(s), vão dizendo de si, e, assim, pluralmente, se vão formando. Por exemplo: Raquel Menezes, a editora, é também autora de textos de ficção, de entrevistas e de um ensaio sobre Adília Lopes. Adília Lopes é lida por Luis Maffei e entrevistada por Sofia de Sousa Silva, que ainda escreve sobre uma novela de Pedro Eiras. Pedro Eiras, o primeiro a ser entrevistado, é lido em recensão por Luis Maffei, e *confessa*, mostrando, a *impossibilidade* de ler Mário de Sá-Carneiro, num texto onde ainda convoca Cleonice Berardinelli. Cleonice Berardinelli é entrevistada por Jorge Fernandes da

Silveira, que é citado por Luis Maffei, que é poeta e músico.

Destas *torsões*, ecos trans-mudados dos *mal-amados* cabralinos, ressalta aquela que é talvez a principal característica desta revista *em rede*: o afecto. Não no sentido de um sentimentalismo ultra-romântico, que também é preterido por Luiz Costa Lima, a propósito “do diferencial do poético”, não ainda (ou não tanto) no sentido freudiano de energia psíquica que se emite ou solta, mas numa acepção próxima da(s) de Deleuze (a partir de Espinosa): afecto como “paixão” (*affectus*), afectação do corpo (ou, aqui, do *corpus*) que exponencia a sua capacidade de agir, por outras palavras, devir que ultrapassa aquele que experimenta o afecto, e afecto ainda (*affectio*), reenviando para um estado do corpo (*corpus*) afectado, e implicando a presença do corpo (*corpus*) que afecta. Relação, aproximação, confronto – literário e crítico: “a ordem da ordem a/ ordem do afecto”, sintetizamos com Maffei.

>>

*

É, pois, sob o signo do afecto, assim entendido, que também lemos a antologia impressa. Como informa Alberto Pucheu no prefácio, a edição deste volume contou com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras (Ciência da Literatura), como um gesto de reconhecimento da “alta qualidade” da *pequena morte*, no seu segundo aniversário. Actualização simbólica, dos (então) treze números da revista virtual, esta edição impressa mantém as linhas gráficas da versão digital: sobriedade e distinção.

A antologia reúne os catorze poetas que participaram na rubrica “poemas etc”, nos mesmos treze números editados da revista: desde autores consagrados, a novíssimos, que acabaram de se estreiar em publicação; todos, e cada um, vêm apresentados por um crítico da sua escolha, numa expressão de “afinidades electivas”. A ordenação alfabética dos poetas apela ao estabelecimento de relações múltiplas.

Dos catorze poetas, dez são brasileiros, três são portugueses e um é chileno, e estes cruzamentos de nacionalidades ainda se tornam mais evidentes se repararmos que dois poetas brasileiros escolheram críticos portugueses, que dois poetas portugueses escolheram críticos brasileiros, e que o poeta chileno escolheu um crítico equatoriano. Considerações de pertença nacional não são as mais apelativas, mas, como salientou Borges, nunca são despreciandas na formação de uma *personalidade artística* ou, mais simplesmente, dos poemas e de quem os assina. Reconhecemos ainda, com Montesinos e Jorge Fernandes da Silveira, que toda a panorâmica perde de vista a individualidade, e que ao considerar-

mos afinidades e tendências poéticas, aceitamos também o desafio de ver para além dos poemas aqui publicados.

Tomemos como ponto de partida dois poetas incluídos nesta antologia da *pequena morte*, tidos como representativos de quase dois paradigmas que têm norteado a poesia portuguesa nas últimas décadas: Gastão Cruz, um dos expoentes dos poetas que se afirmavam na década de 60, e Manuel de Freitas, autor de uma antologia publicada em 2002 pela Editora Averno, intitulada *Poetas sem qualidades*. Os dois poetas representam duas tendências (ou duas fases de duas tendências) muitas vezes tomadas em oposição contundente.

Em 2003, perante a publicação do nº 12 da Revista *Relâmpago*, que incluía uma antologia de poetas que se poderiam considerar nomes emblemáticos da “nova poesia portuguesa”, Eduardo Prado Coelho interrogava-se sobre o estado da poesia portuguesa coeva e tomava Manuel de Freitas como autor de “uma espécie de manifesto”, responsável por “um efeito de conjunto de geração”, à qual criticava algumas categorias, como “em certos casos um vago ‘desejo de comunicar’”, fundado numa “‘poesia da experiência’ cuja experiência não é particularmente empolgante”, resvalando, por vezes, “para uma facilidade medíocre”, e ressentindo-se da ausência de “uma noção de gravidade e do mistério da Vida”.

Um testemunho desta mesma posição é o de Nuno Júdice, crítico e poeta, não incluído na antologia de poesia da *pequena morte*, mas entrevistado por Ida Alves e Luis Maffei, na edição electrónica #16 da revista, onde assume ter escrito uma “Poética” que lhe “apareceu como um ‘manifesto’ contra certa ideia de poesia surgida recentemente em Portugal, que defende que o poema se deve reduzir a uma escrita de banalidades, apresentada de forma também banal”. O próprio Nuno Júdice acaba por relativizar a sua posição; todavia, mesmo admitindo a possibilidade de uma prática poética como aquela, defende que o processo de referencialidade na poesia não dispensa uma certa “alquimia subjectiva”, seguida de um trabalho de estruturação do universo verbal e imagético do poema (“motor transformador da nossa relação com a língua”), e não esconde a sua preferência por processos surrealizantes.

Na apresentação que faz de Manuel de Freitas, nesta edição impressa da *pequena morte*, Pedro Eiras parece dar uma resposta, subtil, sucinta, mas completíssima, às várias linhas críticas atrás formuladas a propósito desta nova tendência da poesia portuguesa. Intitulando o seu texto de “Uma Lauda sobre Manuel de Freitas”, o crítico sintoniza-nos com “[o] tempo dos puetas” (*sic*), título do prefácio da “polémica antolo-

gia”, e denuncia as *qualidades ausentes* na poesia de Manuel de Freitas e da geração (ou quase) que ele representa: a perda da auréola, do intemporal, do não-localizável, da posteridade, do corpo “e nem sequer por desregramento de sentidos, que ainda era um roubo do fogo; apenas porque se bebeu demais.” Pedro Eiras resgata esta postura anti-prometaica, quando lembra, com Kayyam, o gesto teológico “(último, paradoxal)”, que é beber; e logo subverte a condição da perda, ao justificar a *opção (deliberada, mesmo se dolorosa)* do poeta: “perder a aura” (que, podemos considerar, subsume as outras renúncias) talvez seja “ganhar a alma”, o que se traduz pelas várias obsessões *situadas* na poesia de Manuel de Freitas – “pela morte, por uma cantata de Bach, [...] (serão a mesma, única, obsessão?)”.

Trata-se, pois, de dois modos de experienciar a poesia que redundam num confronto estético e mesmo ético. Por um lado, poetas que publicam em torno do ano de 61 (ou seus “sucessores”), e que praticam uma poesia ontologicamente forte, densa, textualista, com propensão para a incidência na imagem e na metáfora. Por outro lado, poetas que reagem a esta escrita e perseguem efeitos realistas (conquanto não podendo renegar a lição pessoana do fingimento), numa prática poética que se pretende próxima de referentes externos e identificáveis, com certo menosprezo pelas consagradas “qualidades” retóricas, porque, à “tensão textual”, os poetas preferem, e perseguem no poema, a “tensão emocional”, revelando um mundo “triste” na sua fragilidade.

Rosa Maria Martelo, numa entrevista a Luis Maffei, na edição #11 da *pequena morte*, resumiu e conciliou estas posturas poéticas e críticas, de forma exemplar. Não concordando, “nem com a leitura que desreferencializa a poesia que não usa efeitos de realismo, nem com a leitura que despoeziza a poesia que os usa”, a teórica e crítica salienta, antes, a continuidade onde muitos encontram rupturas, e defende, por um lado, que muita da poesia praticada no “ano de 1961, ou nas suas imediações” – (e, em graus diferentes, posturas como as de Nuno Júdice e Eduardo Prado Coelho, acrescentamos nós) – assenta(m) em práticas que “reforçam os caminhos abertos pelo Modernismo (*High Modernism*)”, e, por outro lado, que o diálogo com a tradição não deixa de se manter através dos poetas da herança baudelaireana mais urbana, ou, por outras palavras: “o diálogo com a tradição faz-se por referência a uma experiência de modernidade mais lata”.

É pois, filiando-nos nestas “polarizações diferentes, tensões e deslocamentos que geram inovação, mas não ruptura”, e sem ignorar todas as “matizes em presença”, que podemos situar os poetas representados na antologia da *pequena morte*.

>>

Esta proposta reveste-se de um gesto assumidamente *subversivo*, ao estimular a leitura dos poetas brasileiros e do poeta chileno, a partir da extensão de pressupostos teóricos e de classificações formuladas em relação à poesia portuguesa. Confessando a parcialidade do lugar português de onde escrevo, alego, todavia, que o faço de mote induzido: com a permissão dos enlaçamentos já referidos entre os poetas e críticos desta antologia; respondendo ao apelo das leituras cruzadas pelas vozes confluente dos dois lados do atlântico; e com o acréscimo de que muitos dos poetas brasileiros são ainda estudantes ou professores de literatura portuguesa. Invoco também a informação (e a demonstração) de Jorge Fernandes da Silveira (no ensaio "Pra Seu Governo: o 'diálogo em Portugal' hoje segundo quatro novos poetas brasileiros — Leonardo Gandolfi, Luis Maffei, Maurício Matos, Sérgio Nazar David"), segundo o qual, hoje, no Brasil, "de frente para o nativismo romântico oitocentista e o heroísmo modernista de 22", foi retomado o diálogo interrompido entre "os irmãos transatlânticos". Lembre-se ainda a ressalva borgesiana que já fiz, da *transcendência* da identidade nacional, independente (ou quase nos antípodas) dos *topoi* que lhe são arbitrariamente e artificialmente atribuídos. Além disso, com Ida Ferreira Alves (no ensaio "Poesia de Língua Portuguesa e Identidade Plural: dois exercícios antropofágicos"), reconheço que uma das melhores formas de abordar a poesia de língua portuguesa contemporânea (note-se a abrangência bivalente para os dois países, neste caso) pode ser através de considerações sobre o hibridismo e a antropofagia (numa reatualização do manifesto oswaldiano), como forma de "reavaliar a prática de intertextualidade tão constante nessa poesia, seja em direcção à História, à realidade cultural como à própria linguagem literária", servindo ainda para "demonstrar uma escrita poética de mobilidade, dinamizadora e auto-reflexiva, que não cessa de narrar uma determinada história: a de uma língua repartida pelo mundo que se torna um exercício real de alteridade cultural." Finalmente, não poderia deixar de ter em conta pressupostos histórico-literários das últimas décadas, considerados em contexto brasileiro, que tomo de Celia Pedrosa, da apresentação que faz de Paulo Henriques Britto nesta antologia da *pequena morte*. Segundo a teórica e crítica, o campo literário brasileiro das décadas de 1950 e 1960, que qualifica de pós-modernista, começa por ser marcado pela divergência explícita de "ideologias poéticas de perfil moderno-vanguardista", complexificando-se, na década de 70, "pelo contacto destas com modos de guerrilhas contra-culturais", e passando a caracterizar-se, na década de 80, por um "convívio mais ou menos harmonioso de vozes e tendências

sem pretensões a hegemonias [nem] lideranças”, em sintonia com o espírito de época internacional (“queda de muros, utopias e certezas”).

Afectada por estes contextos, que se cruzam, entrecruzam, e atravessam a *pequena morte*; reconhecendo que, afinal, os postulados teórico-críticos de abordagem literária das últimas décadas não diferem tanto, entre o Brasil e Portugal, e que, pelo contrário, apresentam confluências em muitos pontos, impõe-se-me, enfim, *abordar* os poetas representados na antologia (não excluindo destas perspectivas o poeta chileno).

Participando das *qualidades* (ou da *ausência* delas) de Manuel de Freitas (em cuja antologia colaborou), Rui Pires Cabral (introduzido por Maria Lúcia Dal Farra), apresenta-nos “vidas” de personagens a desvendar (nas sombras absurdas) o enigma da morte. Luis Maffei (por Fernando Miranda) é leitor assumido de “Rui” (Pires Cabral) e de “Manuel” (de Freitas), e confessa comungar dos gostos de “Gastão (Cruz)”; concilia as duas posturas, numa poesia de amor, de outra ordem, sem náusea. Gastão Cruz é lido por Luis Maffei “em tempo(s)”: no presente, textualista; no passado, politicamente empenhado; no futuro, com tragicidade sem transcendências; afinal, não tão distante das vozes da outra geração. Leonardo Gandolfi (por Nonato Gurgel) também revela compromissos com as duas tendências: densidade textual na obra de estreia, fluidez e sedução discursiva nos poemas mais recentes, não isentos de “estalactites” intertextuais, estratégias indiciais várias e múltiplos jogos de impessoalidade. Eucanaã Ferraz (por Eduardo Coelho) apresenta uma “poética de acontecimentos”, em diálogo cativante com a tradição; invertendo a formulação de Luiza Neto Jorge, o seu “poema ensina a estar de pé”. Antônio Carlos Secchin (por Flávia Vieira da Silva do Amparo) também (se) encontra (com) outras vozes: Rilke, Pessoa, João Cabral, “num Antônio antônimo de [si]”. Maurício Matos (por Érico Braga Barbosa Lima) brinca com a tradição e, metapoeticamente, “espectador e espectáculo”, volta a escrever um poema de amor. Sebastião Edison de Macedo (por Pedro Eiras) assina “s.”, autor de fragmentos, apaixonadamente, “para medir o intransferível”. Mario Meléndez (por Xavier Oquendo) parte de metáforas quase imperceptíveis para a construção de imagens insólitas, e sucessivamente vai desdobrando os seus termos, “en câmara lenta”. Sérgio Nazar David (por Ana Luísa Amaral) recorre também a elementos transfiguradores do real: numa mundivisão algo disfórica, o amor é sucessivamente adiado, mas o poeta crê ainda no poder salvífico da poesia. Caio Meira (por Igor Fagundes), à “agonia sem nenhum deus” num mundo de falha e de massificação, o

>>

poeta reage com um discurso eufórico, corporal, erótico. Maurício Chamarelli (por Luís Augusto de Oliveira) é sensível à velocidade e à sensação de vazio, deambula pela casa como pela linguagem, colhendo pensamentos e o que o tempo faz germinar. Paulo Henriques Britto, segundo Celia Pedrosa, é um dos representantes da “produção poética plural dos anos 1980 em diante”; num período de “dessacralização” generalizada, o poeta procura a sua voz, e uma pretensa verdade, dentro e *fora* da poesia; a tragicidade – derrisória – reside na constatação de que a vivência nunca será completa ou de que, paradoxalmente, a completude desejada se alcance apenas pela construção (já não “criação”) poética.

Enunciamos apenas traços de leitura, em desafio. E nem outro intento seria possível, ao considerar uma revista cuja totalização única parece ser a d’“a união livre” da poesia.

Numa época em que os suplementos literários especializados tendem a desaparecer, “alguém toma por missão o que é obra” (Manuel de Freitas), e agora mesmo *corpo*, e não apenas do acaso. Uma última invocação: “Leitor, eu te reponho/ (...):/ Morre e devém.// Morre e transforma-te.” (Wally Salomão) <<

NOTA

* Esta recensão foi elaborada no âmbito do Projecto “Interidentidades” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).